

A crítica de arte e de arquitetura: Vitruvius, Plínio e Luciano

Júlio César Vitorino
UFMG

A arquitetura antiga, particularmente no que concerne à sua terminologia e ao seu aparato conceitual, é ainda hoje objeto de muitas polêmicas e incertezas. Na verdade, as questões envolvendo tais aspectos dificilmente podem ser esclarecidas pela pesquisa arqueológica e pelo estudo das construções supérstites e, portanto, torna-se necessária a recorrência a outras fontes, principalmente as literárias, que infelizmente, nessa área, são bastante escassas. Por esse motivo, o tratado de Vitruvius, conhecido como *De architectura*, o único sobre o tema que nos chegou do mundo antigo, teve tanta repercussão e sofreu tantas oscilações na sua avaliação. De uma fé absoluta no seu conteúdo, ameaçada pelo confronto com as descobertas arqueológicas, passou-se à crítica ao autor, a qual dividiu os estudiosos entre os extremos de julgá-lo um ignorante na matéria que apresenta, cheio de vaidade, ou, ao contrário, considerá-lo o grande codificador da herança greco-romana e o fundador das fórmulas do urbanismo imperial.¹

De qualquer modo, a situação de fonte única e a conseqüente impossibilidade de se realizarem confrontos objetivos, têm suscitado muitas discussões nem sempre benéficas ao estudo do texto. Diante disso, a solução é buscar outras fontes que tratem, mesmo que indiretamente, os assuntos apresentados pelo autor. Nesse sentido, a orientação predominante tem sido a de se procurar, principalmente nas fontes filosóficas e científicas, argumentos que possam contribuir para uma avaliação crítica mais consistente de determinados passos do *De architectura*. No presente trabalho, propõe-se uma leitura mais atenta de textos antigos de crítica de arte que apresentam elementos que podem ser associados à arquitetura e que podem contribuir a um enriquecimento da discussão.

¹ Hoje, a tendência é considerá-lo no âmbito da história das relações entre ciência e técnica no fim da época helenística (GROS, 1982: 669).

Em primeiro lugar, é importante observar que a Antigüidade não conheceu uma crítica das artes figurativas como a compreendemos hoje, sendo mais oportuno falar de uma leitura da obra de arte. Um gênero muito desenvolvido dessa crítica foi o da descrição literária, ou *ékphrasis*, a descrição técnica da obra de arte que, na mentalidade do crítico antigo, representa uma tentativa de igualar, senão de superar, a própria obra descrita. Na base da descrição literária está a idéia da equivalência entre a criação da obra de arte e a sua avaliação, uma vez que ambas são consideradas como expressões de uma mesma atividade. Assim, a crítica atua no mesmo âmbito e com a mesma mentalidade dos artistas, sendo submetida às mesmas leis da criação artística presentes na obra.

Luciano de Samósata, na sua vasta obra, muitas vezes se ocupa de crítica de arte, principalmente da pintura, mas um dos seus escritos é dedicado a uma obra arquitetônica. Trata-se do opúsculo *Hippias siue Balneum*, um encômio a um arquiteto contemporâneo ao autor, um certo Hípias, jamais mencionado por outras fontes. O tema é um edifício termal, um balneário; a forma literária a da *ékphrasis*. Na descrição, partindo das obras de fundação e do exterior, o autor faz todo o percurso do edifício para revelar o interior, explicar a sua funcionalidade e mostrar a sua beleza, preocupando-se em investigar a origem da forma, que é desmontada e analisada parte por parte. Contudo, mais do que rivalizar com os mármorees da construção, em uma demonstração de virtuosismo retórico, Luciano se preocupa mais em legitimar as leis estéticas que, aplicadas à atividade do artífice, fazem surgir uma verdadeira obra de arte, comprovando que o artista pode conceber novas manifestações de beleza também em obras simples e comuns.

Mesmo que o *De architectura* apresente, no livro V, um capítulo dedicado aos banhos públicos que, em linhas gerais, concorda com as informações oferecidas por Luciano, não se pretende aqui abordar a questão específica do edifício termal, mas sim as relações que podem ser estabelecidas entre os dois textos no que diz respeito à teoria arquitetônica e à formação do arquiteto.

O livro I do tratado de Vitruvius apresenta um longo elenco de estudos necessários ao arquiteto que pode, com proveito, ser confrontado com a primeira parte do texto de Luciano na qual são descritas as competências de Hípias. Também no livro I se encontra a seção dedicada às diversas definições da arquitetura. Tanto a questão da formação profissional como a da terminologia apresentada por Vitruvius, incluindo a

validade e o alcance dos seus conceitos, têm sido amplamente discutidas. Luciano, um crítico refinado e penetrante, demonstra-se muito bem informado sobre os princípios que regem a concepção arquitetônica e, portanto, uma leitura atenta do seu texto pode contribuir com elementos substanciais para esse debate; obviamente em Luciano estão ausentes as palavras latinas, bem como a maior parte das correspondentes gregas, com as quais Vitruvius constrói o seu aparato teórico, mas referências esparsas, de natureza teórico-crítica podem ser colhidas em diversos trechos da descrição.

A primeira das definições apresentadas no *De architectura* engloba seis conceitos: *ordinatio*, *dispositio*, *eurythmia*, *symmetria*, *decor* e *distributio*.²

No texto de Luciano, a técnica da descrição do edifício consiste no desmembramento do todo em partes, as quais são descritas uma a uma; depois o autor faz a reordenação dessas partes conforme a seqüência espacial da construção, acompanhando-a de juízos parciais, até chegar a uma leitura de todo o conjunto, que finalmente é avaliado. A leitura de cada um dos espaços, de cada sala, obedece a uma exposição baseada em critérios mais ou menos fixos: algumas relações dimensionais, às vezes características da forma, que oferecem uma noção da estereometria de cada sala e de sua correspondência funcional, assinalando a conveniência da solução, o conforto associado ao uso, os revestimentos utilizados, a iluminação e a beleza. Além de descrever cada espaço, no percurso em que conduz o leitor, o autor se preocupa em mostrar a sucessão desses espaços, a comunicação entre eles e a própria funcionalidade do percurso com suas possíveis variações de itinerário. No que diz respeito à utilização do edifício, portanto, Luciano não se distancia muito

² Na tradução de LAGONEGRO, 1999: “Ordenamento é a definição de proporções justas e equilibradas para cada uma das partes da obra e de uma proporção geral próxima da simetria [...] Disposição é a alocação adequada dos elementos e o efeito elegante da obra a partir de arranjos feitos com qualidade”; “Eurythmia é a aparência graciosa e o aspecto bem proporcionado dos elementos nas composições”; “proporção é a adequada concordância dos elementos da obra propriamente dita e uma relação de cada uma das partes consigo mesma e com o aspecto da figura em seu todo”; “Conveniência, por sua vez, é o aspecto qualitativamente correto da obra executada a partir do emprego de fatores de validade comprovada”; “Agenciamento, por sua vez, é a repartição eficiente dos vários espaços e recursos, e, nas obras, sua combinação e dispêndio moderados pela aplicação do cálculo”.

dos conceitos vitruvianos: tem-se de um lado o conjunto dos espaços funcionalmente em conformidade com o tema da construção, ou seja, com a tipologia do edifício, referências à área destinada a cada um deles, aos materiais empregados nos revestimentos: todos os elementos que integram a definição vitruviana de *distributio*. Por outro lado, a visão em seqüência desses espaços, com suas comunicações internas e externas, a configuração de cada um traduzida em termos de proporções e mesmo de forma, permitindo uma visão geral do conjunto, da sua beleza, quase a ponto de possibilitar a reconstrução da planta e das elevações internas, em uma palavra, em uma palavra vitruviana: *dispositio*.

Dos seis conceitos, o único que aparece explicitamente mencionado na descrição do edifício termal é o ligado à idéia de *symmetria*. O adjetivo *symmetron* aparece três vezes no texto: uma vez substantivado, designando uma qualidade genérica de uma construção (8, 11), nas duas outras em referência à relação métrica entre partes da construção (largura e comprimento das salas em 7, 5) e das partes com o todo (4, 13), ou seja, os elementos da *ordinatio* vitruviana.

Também os elementos da definição de *eurythmia* aparecem claramente no texto de Luciano: na referência à *cháris* e *Aphrodite* (7, 6) e às relações simétricas entre altura, largura e comprimento (7, 4-5; a *analogia* vitruviana de III, 1, 1); a palavra grega, ou outra derivada, não aparece na descrição. Segundo alguns estudiosos (FLEURY, 1990: 112), essa palavra seria usada em relação à música ou à dança, encontrando-se ainda em textos sobre retórica, e Vitruvius poderia ser o único autor a usá-la nos domínios da arquitetura, mas em uma outra descrição de Luciano (*De domo*, 4), encontra-se o adjetivo substantivado *tò eurýthmon* ao lado de *tò symmetron*.

Como correspondente ao *decor* vitruviano, em lugar do esperado *prépon*, encontra-se *eukáiron*, com o idêntico significado de «conveniente» e ainda os três aspectos do decoro vitruviano: o respeito ao tema, ao lugar e ao costume.

A segunda divisão diz respeito ao que Vitruvius denomina de as três partes da arquitetura: *aedificatio*, *gnomonice* e *machinatio*. Persiste ainda hoje a dúvida quanto ao fato de tais divisões corresponderem realmente aos diversos setores de atuação da arquitetura antiga. Em geral, tende-se a considerar os livros VIII, IX e X do *De architectura*, respectivamente dedicados à adução de água, à construção de relógios e de máquinas, como conjunto de anotações não estreitamente ligadas

à profissão. A situação do livro VIII é uma questão à parte, mas em se tratando de um balneário, necessariamente também o nosso Hípias deve ter se ocupado da questão da adução de água.

Quanto à mecânica, o próprio Vitruvius a exercitou na prática, como é dito no prefácio do livro I, cuidando da preparação de balistas, escorpiões e outras máquinas de guerra sob comando de César. No texto de Luciano, também Hípias é apresentado como um homem que ocupa o primeiro lugar nessa disciplina e temos ainda no texto o exemplo de um outro arquiteto, Sóstrato de Cnido, construtor do farol de Alexandria, recordado pela sua participação em campanhas militares. A inclusão da mecânica no campo da arquitetura é afirmada ainda por uma outra fonte, citada por Soubiran na sua introdução à edição do livro IX: Galeno (SOUBIRAN, 1971). Mas também o estudioso francês parece não querer acreditar no que chama de «imperialismo cultural» de Vitruvius. Na verdade, Galeno, autor de obras de medicina posterior em dois séculos a Vitruvius, poderia simplesmente reproduzir a opinião deste último, ou então da sua fonte; os argumentos levantados por Soubiran, contudo, não podem se aplicar ao texto de Luciano, pois o que se lê em Hípias é um exemplo concreto, um arquiteto que além da mecânica se dedicou também à gnomônica, pois dotou o seu edifício com dois relógios, um funcionando com o sol, outro com água, tudo em perfeito acordo com o conteúdo da obra de Vitruvius.

A última das grandes divisões apresentadas pelo autor do *De architectura* diz respeito aos critérios que devem orientar a prática arquitetônica, sintetizados na célebre tríade *firmitas - utilitas - uenustas*. No plano semântico, os três conceitos retornam na descrição de Luciano, nos correspondentes *hè aspháleia*, *tò chrésimon* e *cháris kai Aphrodíte*. Também no plano conceitual podem se encontrar diversos pontos em comum, como a estreita relação entre utilidade e beleza e a importância dada às questões da salubridade, da orientação e da iluminação do edifício. O critério da *firmitas*, por exemplo, é associado por Vitruvius à qualidade das fundações e dos materiais empregados. No texto de Luciano, ambos os aspectos retornam, mas o autor dá uma ênfase especial à descrição das fundações, chegando a fornecer inesperados detalhes técnicos da sua execução, dizendo que Hípias lançou mão de uma base bastante segura para toda a obra e com a colocação das fundações assegurou firmemente a solidez da construção superior e graças a contrafortes a prumo, contíguos para maior segurança, teria reforçado todo o conjunto.

Entre Vitruvius e Luciano, mas só cronologicamente, se coloca Plínio, no I séc. d.C., que dedica à história da arte três livros da sua *Naturalis historia*. A monumental obra de compilação reflete, naturalmente, a diversidade das inúmeras fontes utilizadas e, quando aflora algum julgamento pessoal do autor, geralmente isso corresponde à sua tendência moralizante de considerar a arte do seu tempo como uma arte degenerada, o que não significa, porém, uma adesão plena à arte clássica ou classicista. Um dos pontos que pode ser assinalado é que, ao contrário dos outros dois autores vistos, para Plínio o essencial é o estudo dos processos utilizados na realização de suas obras, numa ótica que relega o artista ao papel de simples artesão.³ Assim, em relação à arquitetura, o autor parte de uma classificação aparentemente objetiva, segundo o tipo de pedra utilizada nas construções, para enumerar as sete maravilhas do mundo, até chegar a um ápice na descrição dos monumentos de Roma.

Plínio é um autor fundamental para a história da crítica de arte antiga, não tanto pelas suas convicções pessoais, mas pela diversidade de julgamentos e classificações encontradas nas suas fontes, que ele apresenta sem se esforçar muito no estabelecimento de esquemas coerentes. No conjunto, transparece uma visão comum, média, da obra de arte, distante tanto da avaliação dos especialistas eruditos quanto dos próprios artistas. Mesmo tendo explicitamente Vitruvius entre as suas fontes, a atenção dedicada por ele aos aspectos da *firmitas* e da *utilitas* refletem na verdade posições correntes do seu tempo, que se encontram em outros autores contemporâneos. Seu breve capítulo sobre as colunas, baseado no texto de Vitruvius, traz anotações dos sistemas proporcionais, mas que parecem meras reminiscências de suas leituras.

A beleza, ou melhor, o aspecto magnífico da Roma que ele descreve, deve-se principalmente ao dispêndio de muito dinheiro, aos mármore preciosos, à profusão de elementos decorativos, o que gera um conflito irresolúvel entre o seu ataque à *luxuria* e a expressão do nacionalismo romano. Ao apresentar Roma como a oitava maravilha do mundo fica claro que em todos os domínios, mesmo o da imoralidade, Roma detém a supremacia. O saldo, contudo, é positivo. Plínio reconhece a excelência aos romanos, construtores de poderosas fortificações, esgotos

³ Essa é a posição predominante na classificação social da figura do artista e de todo o trabalhador “manual” no mundo antigo; cf. PASOLI, 1980.

que são verdadeiros rios subterrâneos, aquedutos inumeráveis e tantas outras obras utilitárias e coletivas que se opõem à engenhosidade das realizações gregas, sentida por ele como gratuita, o que soa como uma espécie de ilustração no âmbito da arquitetura dos célebres versos de Virgílio (*Aen.* VI, 847-853, apresentados aqui na tradução em prosa de SPALDING, 1981, p. 129-130): “Outros saberão, com mais habilidade, abrir e animar o bronze, creio de boa mente, e tirar do mármore figuras vivas, melhor defenderão as causas e melhor descreverão com o compasso o movimento dos céus e marcarão o curso das constelações: tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu império. Estas serão tuas artes, impor condições de paz, poupar os vencidos e dominar os soberbos”.

Referências

ANDRÉ, J. (Ed.). *Pline l’Ancien. Histoire Naturelle*: livre XXXVI. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

BOMPAIRE, J. (Ed.). *Lucien. Oeuvres*. Paris: Les Belles Lettres, 1993. v. 1.

FLEURY, Ph. Vitruve. *De l’architecture*: livre I. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

GROS, P. Vitruve: L’architecture et sa théorie, à la lumière des études recentes. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II, Berlin, v. 30, t. 1, p. 659-695, 1982.

LAGONEGRO, M. A. (Trad.). *Marco Vitruvius Polião. Da arquitetura*. São Paulo: Hucitec, 1999.

PASOLI, E. Scienza e tecnica nella considerazione prevalente del mondo antico: Vitruvio e l’architectura. In: *Scienza e tecnica nelle letterature classiche*. Atti delle seste Giornate filologiche genovesi, 23-24.2.1978. Genova: Istituto di Filologia Classica e Medievale, 1980, p.63-80.

ROSE, V., MÜLLER-STRÜBING, H. (Ed.). *Vitruvius. De architectura libri X*. Lipsiae: Teubner, 1867.

SOUBIRAN, J. *De l’architecture*: livre IX. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

SPALDING, T. O. (Trad.). *Vergilio. Eneida*. São Paulo: Cultrix, 1981.

